



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede Amazônica

Palácio do Planalto, 20 de abril de 2004

Jornalista: O presidente Lula viaja nesta quarta-feira, à tarde, para Manaus, e desta vez o gasoduto vai mesmo sair do papel, não é isso, Presidente?

Presidente: Vai sair, e vai sair porque o estado do Amazonas é muito importante para o Brasil, e nós precisamos provar que é plenamente possível um modelo de desenvolvimento que leva em conta a preservação ambiental com crescimento econômico, com geração de emprego e distribuição de renda. Um modelo de desenvolvimento econômico sustentável para a Amazônia precisa que nós façamos a infraestrutura que o estado precisa. Por isso é que nós vamos fazer uma coisa que muitos candidatos e que muitos presidentes prometeram e que não fizeram: nós vamos assinar o protocolo entre as empresas do estado do Amazonas, o Ministério de Minas e Energia e a Petrobras para a construção do gasoduto Urucu-Coari-Manaus. E, ao mesmo tempo, vamos inaugurar uma unidade de separação de gás para produzirmos GLP, ou seja, o gás de cozinha, para o estado do Amazonas.

Então, eu estou convencido de que desta vez o povo do estado do Amazonas vai ver concretizado um sonho, um desejo antigo, não apenas dos governantes, mas sobretudo do povo do estado do Amazonas, que sonha com o desenvolvimento. Depois da experiência bem-sucedida da Zona Franca de Manaus, que somente quem conhece sabe o que significa a Zona Franca de Manaus para a geração de empregos, para a distribuição de renda e para o desenvolvimento não-poluente daquela região é que pode valorizar. É por isso



que quando nós fizemos a reforma tributária, nós, junto com o governador Eduardo Braga, aqui, decidimos prorrogar o prazo - que venceria em 2013 - para 2023, para que ninguém dê palpite durante os próximos... as próximas duas décadas sobre a Zona Franca de Manaus, e deixar ela funcionar perfeitamente bem, como está funcionando sob a orientação dos diretores da Suframa.

Jornalista: Essa garantia em torno da preservação da Zona Franca vale também na MP da Cofins ou o senhor acha que a pressão está demais? Que eles querem os benefícios fiscais sobre os insumos importados.

Presidente: Nesta semana, o ministro Palocci estará no Senado discutindo com o líder do governo as mudanças que se fazem necessárias na Cofins, e nós entendemos que não é possível a gente criar qualquer empecilho que possa dificultar o crescimento da Zona Franca de Manaus. As pessoas têm que entender que o resultado da Zona Franca de Manaus, além de ser bom para o estado do Amazonas, é bom para toda a região da Amazônia, que envolve todos os estados e, ao mesmo tempo, é muito bom para o Brasil. É só nós imaginarmos que um faturamento anual de US\$ 10 bilhões..., é só importante a gente imaginar que a geração de 70 mil empregos é uma coisa que ninguém pode desprezar. Portanto, o ministro Palocci sabe da importância da Zona Franca de Manaus e sabe que nas mudanças que o governo deseja - junto com o Senado - fazer na Cofins, a gente não pode criar nenhum problema para a Zona franca de Manaus.

Jornalista: O senhor sempre falou, Presidente, da importância da integração amazônica. O seu governo vai priorizar as saídas para o Pacífico, como por exemplo, Amapá, a [BR]156, que liga à Guiana, já temos a 174 na Venezuela, e também as estradas internas?



Presidente: Vamos lembrar uma coisa importante: em março do ano passado, portanto, dois meses depois da posse, nós fizemos na cidade de Rio Branco, capital do Acre, o primeiro encontro entre os governadores e organizações não-governamentais da Amazônia para discutir um modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. Depois, nós criamos um grupo de trabalho coordenado pelo ministro Ciro Gomes e pela Marina, nossa ministra do Meio Ambiente, e esses companheiros produziram um documento que eu posso dizer a você que nunca na história do Brasil a Amazônia teve um documento que pudesse pensar o seu desenvolvimento de forma tão carinhosa e bem feita como tem agora. E obviamente que isso leva em conta a necessidade da integração sul-americana.

Nós começamos, desde janeiro do ano passado, a trabalhar o processo de integração. Nós sabemos o quanto é importante o Brasil ter uma saída para o Pacífico, o Brasil ter uma saída para a região do Caribe. E nós estamos, então, trabalhando a necessidade da integração e achamos que a integração só se dará quando houver integração física, não a integração teórica. Por isso é que nós estamos, junto com o Banco Mundial, junto com o Banco Interamericano, junto com o BNDES, junto com o Fonplata, junto com a Comunidade Andina, pensando na constituição de uma instituição financeira que possa financiar todos os projetos de integração da América do Sul. E obviamente que isso passa por saída para a Guiana, isso passa por ajudar o Brasil a chegar melhor a todos os países que fazem fronteira conosco. E agora, mais recentemente, nós começamos a recuperar uma estrada de ferro que liga o Porto de Santos ao Porto de Antofagasta, no Chile. Nós queremos fazer tudo com o pouco dinheiro que temos e queremos trabalhar para que as instituições financeiras internacionais entendam que o nome da paz que nós queremos chama-se justiça social, e justiça social precisa estar ligada à infraestrutura que tanto o Brasil e o nosso continente precisa. E obviamente que nós queremos



também tratar das estradas internas no Brasil, porque nós precisamos fazer a ligação entre as mais difíceis e diferentes regiões do Brasil porque, senão, não haverá integração.

Nós já estamos em fase muito adiantada para construir a famosa BR-163, que liga Cuiabá a Santarém, que é uma estrada que já deu muita dor de cabeça neste país - e nós vamos fazê-la. Nós estamos agora fazendo, já temos 70 milhões no orçamento para dar continuidade à hidrovía de Tucuruí. Nós queremos que o transporte hidroviário seja um transporte que possa efetivamente baratear o custo da produção no Brasil. E agora vocês, mais do que nunca, do estado do Amazonas e da região da Amazônia têm que estar felizes, porque nós temos um Ministro dos Transportes que conhece a região tão bem como ninguém, porque foi prefeito de lá durante seis anos, porque foi o coordenador... o presidente da Suframa durante vários tempos. Portanto, o companheiro Alfredo Nascimento vai dar uma grande contribuição para que a infraestrutura da Amazônia possa definitivamente ser feita e, quem sabe, contribuir para o desenvolvimento, como todos nós sonhamos.

Jornalista: Agora um assunto delicado, Presidente: Raposa Serra do Sol. Quando é que sai a sua decisão sobre essa questão, em termos de área contínua ou não contínua?

Presidente: Olha, não tem assunto delicado, na verdade. Um governante não escolhe o assunto que ele vai tratar. Veja, nós temos a questão da Raposa Serra do Sol, que é uma reivindicação justa da comunidade indígena brasileira. Nós temos vários segmentos da sociedade que defendem a necessidade da demarcação ser feita em área contínua, e nós temos outro tipo de gente que pensa diferente: que acha não tem que ser contínua, que nós temos que preservar as cidades existentes, que temos que preservar a área de fronteira,



que temos que preservar a área onde estão lá sete plantadores de arroz. Ora, nós não trabalhamos com paixão esse assunto e não podemos nos deixar levar pelas pressões. Nós, desde o ano passado, quando o Ministro da Justiça visitou o estado de Roraima, ele voltou com a convicção de que a demarcação deveria ser feita acordada com todos os segmentos da sociedade.

Mais recentemente, nós tivemos uma comissão constituída na Câmara dos Deputados, coordenada pelo deputado Lindberg Farias, que foi lá, ao estado. Depois, nós tivemos uma outra comissão feita pelo Senado, que o deputado Delcídio foi a Roraima. Esses deputados estão apresentando os seus relatórios.

Recentemente, eu fiz uma reunião aqui, no Palácio do Planalto, chamando todos os segmentos que discutem o assunto Raposa Serra do Sol, e chegamos à conclusão de que preciso construir um pacote, não apenas tentar resolver o problema da demarcação, mas que a gente pudesse apresentar um pacote pronto que definisse se nós, o governo federal, vai dar mais terra para o governo do estado, porque grande parte da terra que está lá, ou ela é do índio ou ela é do governo federal. Então, nós queremos saber a quantidade de terras que nós vamos poder ceder ao estado; nós queremos saber se nós vamos remover as pessoas se a demarcação for contínua; e nós queremos conversar com os senadores, deputados federais e estaduais do estado.

Então, eu acredito que nós estamos próximos, eu não vou precisar uma data aqui, mas nós estamos próximos de definir, de uma vez por todas, a questão da Raposa Serra do Sol, tentando fazer com que a gente contemple não apenas os interesses dos índios, mas que a gente contemple os interesses do estado de Roraima. E vamos fazer isso com o maior carinho, com o maior cuidado, ouvindo todos os segmentos da sociedade, porque é assim que nós queremos trabalhar. E, mais ainda, uma coisa que nós vamos fazer ainda no estado do Amazonas: nós fomos ao Acre agora, nós reinstalamos o Correio



Aéreo Nacional, que estava desativado; A FAB vai ter aviões passando de tempo em tempo nas cidades, levando médico, levando dentista e transportando gente. E vamos agora fazer também no estado do Amazonas. Nós sabemos que tem cidades muito longínquas, que não tem quase jeito de as pessoas se comunicarem ou transitarem, a não ser por barco, levando dias e dias. Nós vamos tentar facilitar a vida reintroduzindo também o Correio Aéreo Nacional no estado do Amazonas. E em um segundo momento, nós queremos levar para toda região da Amazônia e, inclusive, para alguns países da América do Sul, porque entendemos que o Brasil, como o maior país da América do Sul, tem a obrigação de contribuir com a integração política, com a integração da infraestrutura, com a integração econômica e com a integração social.

Jornalista: Retomando a questão dos índios: a Reserva Roosevelt, de Rondônia, está lhe trazendo dor de cabeça?

Presidente: Dá dor de cabeça, e foi lamentável o que aconteceu. Desde março do ano passado, que foi a primeira vez que o governo federal interveio lá, através do Ministério da Justiça. É uma área muito grande, uma área de muito conflito. Eu lamento o que aconteceu lá, mas eu espero que esse acontecimento sirva de lição para todos nós: para índios, para garimpeiros, para o governo federal, para o governo estadual, para os prefeitos da região, para que tenhamos uma ação conjunta, e a gente evite que possa acontecer o que aconteceu lá. Eu... A Polícia Federal já está na área; as Forças Armadas estão lá, na área; o meu chefe de Gabinete Institucional, o general Felix, está indo para lá também esta semana. E vamos trabalhar junto com o Governador, vamos trabalhar junto com o Governador para ver se a gente consegue transformar aquilo em uma área de paz, e que a gente não permita que aquilo se transforme em um novo Carajás. Eu quero lamentar o que aconteceu, é



triste para um país do tamanho do Brasil mas, lamentavelmente, nem sempre você tem controle de tudo.

Jornalista: Como é que o senhor visualiza a região amazônica daqui a alguns anos? Em termos de segurança de fronteira... Eu queria uma visão de governo sua.

Presidente: Olhe, eu sonho com a Amazônia que eu acredito que a maioria do povo da Amazônia sonha: primeiro, uma Amazônia desenvolvida, gerando possibilidade de empregos para os seus filhos, porque nós sabemos que são mais ou menos 20 milhões de habitantes em toda região que têm o direito de trabalhar, que têm o direito de estudar, que têm o direito de viver condignamente como qualquer outro cidadão ou cidadã brasileira. E nós, que temos na Amazônia, possivelmente, a maior riqueza de biodiversidade do mundo, nós temos que fazer com que essa biodiversidade seja uma fonte de riqueza para o povo do Brasil e para o povo da Amazônia. Então, qualquer modelo de desenvolvimento para lá, eu sonho que seja um modelo não poluente, não degradante, que a gente não estrague as coisas que nós poderemos preservar.

Eu sonho com a Amazônia mais desenvolvida; eu ainda sonho com a universidade na Amazônia para cuidar apenas da questão da nossa biodiversidade; nós já temos o INPA, que funciona muito bem, mas é preciso aprimorar, porque nós não podemos ficar lendo nos jornais todos os dias a questão da pirataria; e acho que nós podemos cuidar disso, porque a indústria farmacêutica pode prescindir... ou melhor, a indústria farmacêutica não pode prescindir da riqueza da biodiversidade da Amazônia. Agora, para isso precisa de investimento em pesquisa, precisa investimento nos nossos cientistas, para que a gente possa cada vez mais transformar a Amazônia em uma região



altamente desenvolvida e que possa ser um desenvolvimento que preserve o meio ambiente e, ao mesmo tempo, ter a certeza que o povo da Amazônia vai ter condições de trabalhar e viver decentemente.

Eu acho que é tudo isso que nós queremos para a Amazônia e que nós queremos para o Brasil.

Jornalista: Sonho de todos os caboclos, com certeza, não é, Presidente?

Presidente: Eu espero que seja o sonho e espero estar vivo... Nós vamos começar a realizar esse sonho, porque o gasoduto é, na verdade, o começo da concretização disso. Mas eu acho que não é uma coisa que você faz do dia para a noite. Afinal de contas, você não transforma 500 anos de história em apenas 500 dias. É preciso um pouco mais de tempo. Mas o povo da Amazônia pode ter certeza que nós não mediremos nenhum... mas não... nós não deixaremos de fazer nenhum sacrifício para que a gente possa fazer o máximo que a gente puder fazer para que a Amazônia esteja integrada definitivamente, do ponto de vista econômico, político e cultural, com o restante do Brasil. Afinal de contas, eu acho que nós ainda temos muito que aprender sobre a Amazônia.

Jornalista: Obrigada, Presidente, pela sua entrevista exclusiva à Rede Amazônica de Televisão. Lembrando que essa é a sua primeira entrevista a uma televisão regional. A gente agradece.

Presidente: É a primeira entrevista mesmo. Muito obrigado a você.

Jornalista: Obrigado.

(\$31DHJLP)